

O GIGANTE ACORDOU? OU SERÁ QUE NUNCA DORMIU?

Juversino Jesus Júnior

Historiador, Cientista Político, Professor e Pesquisador
do NUPAC.

Muito embora as mídias corporativas usam e abusam do termo “vandalismo” ou “quebradeira”, na atual conjuntura iniciada principalmente a partir das jornadas de maio e junho de 2013: cabe a mim enquanto historiador e libertário tentar ao menos tecer um comentário acerca dessa temática no sentido de demonstrar as premissas e os possíveis resultados dessa onda de protestos que se inicia com a questão do transporte público e passa a abarcar outras reivindicações pontuais como corrupção e educação etc.

O Brasil, desde épocas passadas da nossa história, com a chegada dos portugueses vem demonstrando um caráter de violência, submissão e revolta, os “índios” travaram uma verdadeira luta pela manutenção de suas famílias na terra *brasilis*, pois aqui chegaram e se estabeleceram muito antes de Cabral zarpar de Portugal. O encontro como todos sabem foi bastante sangrento e muito desigual, bem mais violento do que aquilo que afirmam os livros do MEC (Ministério da Educação). De um lado os nativos tinham arcos e flechas para combater a pólvora e a arrogância europeia que empreendeu um verdadeiro vandalismo à portuguesa. Após esse desastroso encontro entre índios e portugueses, um histórico de conflitos e escravidão estava por vir nos anos seguintes, muitos são os relatos de combates e conflitos ao longo da história brasileira para citarmos alguns: Revolta da Vacina, Canudos, Chibata, Greve geral de 1917 que teve nos anarquistas um importante peso naquele contexto.

Recentemente, fomos surpreendidos pelas mídias burguesas com a seguinte expressão que ao meu ver machuca e fere de morte os ouvidos de todo revolucionário autêntico “*O gigante acordou*”. Como assim? Entendo que se trata de uma referência ao hino nacional, é isso? “Deitado eternamente em berço esplêndido”? Mas cá entre nós, o povo sofrido e combativo jamais esteve deitado ao não ser quando morreu lutando por dignidade, uma vez que quando surge a propriedade privada da terra, em diferentes partes do globo, os conflitos vêm em seu bojo. Eduardo Galeano já dizia parafraseando Josué de Castro: “Metade do mundo não come, e metade não dorme com medo dos que

não comem”. Fica evidente na citação acima que a luta de classes é o motor da história humana, como diria Karl Marx.

Ao longo de nossa história vários foram os motivos e causas para as mais diferentes lutas sociais, mas uma coisa sempre ocorreu em todas elas: a busca pela sobrevivência, pelo alimento, pelo pão, pela vida em sua plenitude e não somente uma vida em função do relógio ou do patrão. Fico bastante estarecido ao ver em um telejornal um jovem denominado como sendo um Black Bloc (lembrando que o termo se refere a uma tática e não a um grupo, se bem que isso é questionável uma vez que a existência da tática pressupõe a necessidade de alguém ou algum grupo para executá-la), mas vai entender a consciência burguesa? Sendo tática ou grupo o que importa mesmo do ponto de vista libertário é a iniciativa, a atitude de vários jovens em demonstrar nas ruas no atual contexto social a possibilidade e a necessidade de lutarmos contra o aparelho estatal.

Geralmente tais jovens são filmados com o rosto coberto e quase sempre “quebrando” o patrimônio público. Nesse caso, caro leitor, lanço uma questão: as pessoas quebram os bancos não é isso? Mas quantas pessoas aquele banco não quebrou? Os Blacks Blocs são heróis ou vilões? Partindo de um ponto de vista libertário nem preciso dar a resposta não é mesmo? Isso é vandalismo? É quebradeira? E a fila do SUS, e os gastos da FIFA, e o governo fascista do PT que está fazendo de tudo para implantar a lei antiterrorismo? Entendo que o gigante (no caso, o Brasil) talvez não estivesse dormindo, mas sim bem anestesiado com doses homeopáticas de alienação cotidiana aplicada pelo capital comunicacional.

E ao meu ver os Blacks Blocs se mostram como uma forma honrosa de se despertar para a luta pela emancipação do homem. Chuck Palaniuk – autor de *O Clube da Luta* – afirma “Trabalhamos em empregos que odiamos para comprarmos porcarias que não precisamos”. Vejo que a alienação cotidiana e exploração do homem pelo homem na produção do mais-valor, o fetichismo da mercadoria, são mais do que motivos justos e humanos para nos revoltarmos o tempo todo contra um sistema que aliena, oprime e escraviza.

Vivemos numa prisão sem muros e essa ideia de gigante na verdade tem como pano de fundo o patriotismo. Lembram quando mencionei o hino nacional? Longe de

patriotismos ou análises limitadas pela consciência burguesa, é preciso ir além, é preciso encontrar em cada um de nós esse gigante que clama por liberdade, por justiça, o mesmo gigante do anarquismo do século XIX, como dizia Bakunin: “deixem-nos pôr a nossa fé no espírito eterno que destrói e aniquila somente porque é insondável e eterna fonte criativa de toda a vida. A ânsia de destruir é também uma ânsia de criar”. É preciso que os trabalhadores se auto-organizem rumo à sua verdadeira libertação, pois os corações da classe explorada jamais irão adormecer. É preciso destruímos o gigante e plantarmos novos feijões.